



Clipping - Artigo "Prevalence and Determinants of Bullying Among Health Care Workers in Portugal"

## Revista de Imprensa

1. Bullying na saúde, Correio da Manhã, 27-01-2017 1
2. Enfermeiras vítimas de "bullying" nos hospitais portugueses, Jornal de Notícias, 27-01-2017 2
3. Um em cada 12 funcionários hospitalares diz ser vítima de bullying, Público, 27-01-2017 3
4. Um em cada 12 profissionais de saúde diz ser vítima de bullying, Público Online, 27-01-2017 4
5. 1 em cada 12 profissionais de saúde é vítima de bullying, Just News Online, 26-01-2017 6

**ESTUDO****BULLYING NA SAÚDE**

Um estudo liderado por Pedro Norton, do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, revela que um em cada 12 profissionais de saúde sofre bullying, nomeadamente de superiores hierárquicos. Foram inquiridos 707 profissionais de saúde hospitalares.



# Enfermeiras vítimas de “bullying” nos hospitais portugueses

**TRABALHO** Um em cada 12 profissionais de saúde em Portugal sofreu “bullying” no seu dia a dia pelo menos uma vez por semana nos últimos seis meses. A perseguição sistemática, caracterizada pela humilhação, é exercida sobretudo pelos superiores hierárquicos. Alvo mais atingido: as enfermeiras. Esta é uma conclusão do estudo desenvolvido pela equipa de Pedro Nórton, membro da Unidade de Investigação em Epidemiologia do Instituto de Saúde Pública do Porto.

As práticas de “bullying” atingiram 8% dos 707 profissionais que responderam ao inquérito. As vítimas são em maior número mulheres (8,6% versus 6% de homens), enfermeiras (12,5%), seguindo-se membros da Igreja (7,6%) e assistentes (6,4%).

Os autores, por seu lado, são quase sempre superiores hierárquicos (65% das situações). Apenas 35% destes atos foram exercidos por parceiros nas tarefas. Considerando apenas a classe médica, 100% da pressão é protagonizada por quem está numa posição acima da vítima.

Outro dos ingredientes transversais a este tipo de comportamento parece ser a precariedade. “A falta de estabilidade no trabalho e as políticas de flexibilidade laboral, estão intimamente associadas ao ‘bullying’ no local de trabalho”, concluem os responsáveis pelo estudo, que também realçam que este diagnóstico não traduz um problema exclusivamente nacional.

Na Austrália, estudos similares indicam prevalência na ordem dos 50%; nos Estados Unidos, atinge 38% e, num recente estudo europeu, a média rondava os 11,3%.

DINA MARGATO



## Um em cada 12 funcionários hospitalares diz ser vítima de *bullying*

### Saúde

Alexandra Campos

**Inquérito feito no Centro Hospitalar de São João, no Porto. Vítimas são, sobretudo, enfermeiras e administrativas**

Um em cada 12 profissionais de saúde do Centro Hospitalar de São João (Porto) admitiu ser vítima de *bullying* no local de trabalho num inquérito efectuado online e a que responderam 707 trabalhadores. São sobretudo enfermeiras, administrativas e assistentes operacionais que declaram sofrer este tipo de agressão e são predominantemente os seus superiores hierárquicos quem pratica *bullying* (exposição sistemática a humilhação e a comportamentos hostis).

“Os profissionais de saúde são um grupo ocupacional particularmente exposto ao *bullying*. Em Portugal, apenas existem dados representativos deste fenómeno em enfermeiros, pelo que este é o primeiro estudo de grande dimensão que avalia o *bullying* nos restantes grupos profissionais ligados à saúde”, explica, em comunicado, Pedro Norton, o coordenador deste estudo efectuado pela Unidade de Investigação em Epidemiologia do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Responderam ao inquérito online que serviu de base a este estudo 707 profissionais de saúde do Centro Hospitalar de São João, sobretudo mulheres (72,7%), enfermeiras em mais de um terço dos casos, e jovens – quase metade tinha menos de 35 anos.

Os resultados indicam que são sobretudo as enfermeiras as vítimas deste tipo de agressão (15,5%). O *bullying* no grupo profissional dos médicos e dos técnicos tem muito menos expressão (apenas 3,4% e 2,7%, respectivamente). Quanto aos supostos agressores, são na maior parte dos casos (64,8%) superiores hierárquicos, basicamente enfermeiros-chefes e médicos.

Os principais factores que potenciam a exposição a este tipo de agressão no local de trabalho são “a falta de estabilidade” no emprego e “as políticas de flexibilidade laboral”, concluem os autores do trabalho, intitulado *Prevalence and Determinants of Bullying Among Health Care Workers*



**Trabalhadores temporários estão mais vulneráveis**

in Portugal e que foi publicado na revista *Workplace Health & Safety*.

Não é por acaso que os trabalhadores temporários são “um grupo particularmente vulnerável, devido ao receio de serem despedidos ou de não verem o seu contrato renovado, no caso de denunciarem a agressão”, frisam. De igual forma, e sem surpresa, os que têm contrato a termo estão em situação de maior vulnerabilidade e, por isso, “sofrem um maior risco de agressão, em comparação com os que possuem contrato por tempo indeterminado”.

Destacando que a prevalência de *bullying* observada neste estudo (8%) é inferior à registada noutros países, como a Austrália (50%), os Estados Unidos da América (38%) e os países europeus que participaram no 5.º inquérito sobre as condições de trabalho em 2010 (11,3%), acentuam que continua a afectar “um número elevado de profissionais de saúde”. Defendem, por isso, que é “imperativo” o estabelecimento de medidas preventivas que “possam minimizar as suas consequências quer a nível individual (físicas e psíquicas) quer a nível institucional (absentismo)”.

A este nível, acrescentam, devem ser os serviços de Medicina do Trabalho a ter “um papel activo” no desenho de intervenções que visem “a identificação e acompanhamento clínico dos casos, a referenciação para estruturas de apoio e a definição de estratégias preventivas que eliminem ou minimizem este problema”.

acampos@publico.pt

## Um em cada 12 profissionais de saúde diz ser vítima de bullying

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	27-01-2017
Meio:	Público Online	Autores:	Alexandra Campos

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=523d810>

Um em cada 12 profissionais de saúde do Centro Hospitalar de S. João (Porto) admitiu ser vítima de bullying no local de trabalho num inquérito efectuado online e a que responderam 707 trabalhadores. São sobretudo enfermeiras, administrativas e assistentes operacionais que declaram sofrer este tipo de agressão e são predominantemente os seus superiores hierárquicos quem pratica bullying (exposição sistemática a humilhação e a comportamentos hostis).

"Os profissionais de saúde são um grupo ocupacional particularmente exposto ao bullying. Em Portugal, apenas existem dados representativos deste fenómeno em enfermeiros, pelo que este é o primeiro estudo de grande dimensão que avalia o bullying nos restantes grupos profissionais ligados à saúde", explica, em comunicado, Pedro Norton, o coordenador deste estudo efectuado pela Unidade de Investigação em Epidemiologia do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Responderam ao inquérito online que serviu de base a este estudo 707 profissionais de saúde do Centro Hospitalar de S. João, sobretudo mulheres (72,7%), enfermeiras em mais de um terço dos casos, e jovens - quase metade tinha menos de 35 anos.

Os resultados indicam que são sobretudo as enfermeiras as vítimas deste tipo de agressão (15,5%). O bullying no grupo profissional dos médicos e dos técnicos tem muito menos expressão (apenas 3,4% e 2,7%, respectivamente). Quanto aos supostos agressores, esses são na maior parte dos casos (64,8%) os superiores hierárquicos, basicamente enfermeiros-chefes e médicos.

Os principais factores que potenciam a exposição a este tipo de agressão no local de trabalho são "a falta de estabilidade" no emprego e "as políticas de flexibilidade laboral", concluem os autores do trabalho, intitulado Prevalence and Determinants of Bullying Among Health Care Workers in Portugal e que foi publicado na revista Workplace Health & Safety.

Não é por acaso que os trabalhadores temporários são "um grupo particularmente vulnerável, devido ao receio de serem despedidos ou de não verem o seu contrato renovado, no caso de denunciarem a agressão", frisam. De igual forma e sem surpresa, são os trabalhadores com contratos a termo os que se encontram em situação de maior vulnerabilidade e que por isso "sofrem um maior risco de agressão, em comparação com os que possuem contrato por tempo indeterminado".

Destacando que a prevalência de bullying observada neste estudo (8%) é inferior à registada noutros países, como a Austrália (50%), os Estados Unidos da América (38%) e os países europeus que participaram no 5.º inquérito sobre as condições de trabalho em 2010 (11,3%), acentuam que continua a afectar "um número elevado de profissionais de saúde". Defendem, por isso, que é "imperativo" o estabelecimento de medidas preventivas que "possam minimizar as suas consequências quer a nível individual (físicas e psíquicas) quer a nível institucional (absentismo)".

A este nível, acrescentam, devem ser os serviços de Medicina do Trabalho a ter "um papel activo" no desenho de intervenções que visem "a identificação e acompanhamento clínico dos casos, a referência para estruturas de apoio e a definição de estratégias preventivas que eliminem ou minimizem este problema".

Continuar a ler

27 de janeiro de 2017, 7:15

Alexandra Campos

## 1 em cada 12 profissionais de saúde é vítima de bullying

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 26-01-2017

Melo: Just News Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=5496f46a>

Um estudo liderado por Pedro Norton, investigador da Unidade de Investigação em Epidemiologia (EPIUnit) do Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP), abordou a prevalência e os determinantes de profissionais de saúde e concluiu que 1 em cada 12 trabalhadores (8%) sofre deste tipo de agressão. De acordo com o ISPUP, as conclusões referem também que os atos de- termo que "designa a exposição sistemática à humilhação e a comportamentos hostis e violentos contra um ou mais indivíduos" - incidem sobretudo em pessoas do sexo feminino, que trabalham como enfermeiras, administrativas e assistentes operacionais". Segundo Pedro Norton, "os profissionais de saúde são um grupo ocupacional particularmente exposto ao. Em Portugal, apenas existem dados representativos deste fenómeno em enfermeiros, pelo que este é o primeiro estudo de grande dimensão que avalia os restantes grupos profissionais ligados à saúde". A nível dos agentes que praticam, "verificou-se que este tipo de agressões era perpetrado, predominantemente, por superiores hierárquicos das vítimas". A falta de estabilidade no trabalho e as políticas de flexibilidade laboral estão, de acordo com os autores do estudo, intimamente associadas ao local de trabalho. Os trabalhadores temporários são um grupo particularmente vulnerável, devido ao receio de serem despedidos ou de não verem o seu contrato renovado, no caso de denunciarem a agressão. Também os trabalhadores com contratos a termo sofrem um maior risco de agressão comparativamente aos que possuem contrato por tempo indeterminado. Os resultados apresentados foram obtidos através da análise das respostas a um inquérito aplicado a 707 profissionais de saúde hospitalares. A maioria dos participantes são mulheres (72,7%), com menos de 35 anos (46,2%) e que exercem a profissão de enfermagem (38,7%). De realçar no entanto, que a prevalência observada neste estudo é inferior à registada em outros países: Austrália (50%), Estados Unidos da América (38%) e outros países Europeus (11,3%). No entanto, "apesar da prevalência encontrada ser inferior à estimada em outros países, continua a afetar um número elevado de profissionais de saúde". Assim, acrescenta Pedro Norton, "o estabelecimento de medidas preventivas que possam minimizar as suas consequências quer a nível individual (físicas e psíquicas) quer a nível institucional (absentismo) torna-se imperativo". Na sua opinião, os Serviços de Medicina do Trabalho "devem ter um papel ativo no desenho de intervenções que tenham por objetivo a identificação e acompanhamento clínico dos casos, a referenciação para estruturas de apoio e a delineação de estratégias preventivas que eliminem ou minimizem este problema". O artigo "Prevalence and Determinants of Bullying Among Health Care Workers in Portugal" foi publicado na revista "Workplace Health & Safety" e pode ser consultado, através do seguinte link.

Publicado em 26 de janeiro de 2017 - 17:49